

entre o montante do custo dos fatores, o montante dos bens produzidos e dos serviços prestados, e o nível do bem-estar social.¹⁵ A falácia quantitativa dos índices, entretanto, escapa aos observadores menos atentos ou aos especialistas, e encontra larga aceitação na credulidade geral dos leigos. Nisso se tem apoiado — com mais confiança, parece, do que a de preciosos aliados, mais experientes e, por isso mesmo, mais temerosos — a propaganda organizada do regime político vigente, dentro e fora do país. Ela não apenas coloca ênfase nos índices, isoladamente, o que importaria menos, mas coloca ênfase — o que importa muito — na associação entre esses índices, que corresponderiam a uma política econômica e financeira vitoriosa, no nível do “milagre”, e a eficácia do regime político que a preside e escuda, mais do que a eficácia, a superioridade absoluta. Esse regime seria, no fim de contas, a chave do sucesso econômico e financeiro; suas virtudes ficavam comprovadas, confundindo os adversários, por tal sucesso. Não haveria sucesso, caso o regime fosse outro; fosse o anterior, derrocado em 1964, por exemplo. Assim, o desenvolvimento dependeria, fatalmente, do regime autoritário. Só esse regime teria condições para superar o subdesenvolvimento. Sem ele, o subdesenvolvimento tenderia a eternizar-se. Seria, pois, a saída — não a melhor, mas a única. Ora, a falsidade dos índices é problema insignificante, diante da gigantesca falsidade dessa relação causal entre altos índices de desenvolvimento e regime político autoritário.

A análise em profundidade do chamado “modelo brasileiro de desenvolvimento” deve ser situada de forma a denunciar essa falsidade. Mas, para ir à essência dos problemas, precisa partir da aceitação livre e desembaraçada de algumas condições, que a realidade apresenta e que devem ser inseridas no estudo, para serem bem entendidas. Algumas dessas condições ou meras circunstâncias têm sido, entretanto, apenas negadas. Parece heresia mas é, entretanto, verdade comprovada, que *o subdesenvolvimento pode coincidir com a existência de altos índices de produção.*

¹⁵ “Não sendo possível adicionais satisfações pessoais, porquanto não é possível quantificá-las, os economistas utilizam o método falacioso de confundir o nível da renda nacional, isto é, o montante do custo dos fatores, expresso na contabilidade das anuidades produtoras, com o nível do bem-estar social. Desta forma, uma dada quantidade de recursos tem o mesmo *valor social*, qualquer que seja o seu destino: financiar o desperdício dos ociosos ou satisfazer as necessidades básicas de alimentação e saúde da população. Este critério é tão arbitrário como qualquer outro, pois não existe possibilidade de definir com rigor lógico, a partir de dados microeconômicos, uma função de bem-estar social. Neste, como em muitos outros campos da análise econômica, o rigor da apresentação formal serve para ocultar o fundo do problema, que é de opção entre valores substantivos”. (Celso Furtado: *Análise do Modelo Brasileiro*, Rio, 1972, p. 8).